

O Chaveiro

O Chaveiro parecia ainda mais mirrado dentro do casaco do Santos, como uma criança que se encolhe no cobertor. O exagerado suor naquele pouco de carne e tanto de pele, fora o cabelo de periquito, não lhe permitiam muitas vaidades além do casaco já citado e do cigarro repousado acima da orelha direita. A voz áspera saía direto do pulmão e esbarrava na garganta antes de escapar.

“Tem água, bala... Fique à vontade.”

Sentiu o prejuízo quando sua nota caiu pra 4,3 — o que passou a render mais de quinze minutos para pegar uma corrida.

Passou no mercadinho, pegou um fardo de água, dois pacotes de balas de menta e vestiu a coisa mais elegante que conseguiu pensar naquela tarde fria. A jaqueta do Santos ainda é preta, todo mundo fica bem de preto.

“Querem escutar alguma coisa?”

As duas jovens só acenaram que não, como fizeram com a água e as balinhas.

“Tá dando dezenove minutos.”

Ajeitaram o cabelo, isso o fez lembrar de Janaína. Preferiu deixar o pensamento se esvair no calor do volante. Apostou no estímulo errado. Se lembrou de tardes quentes, essas que não

são mais especiais, segundo os cientistas. Agora tudo será quente, manhãs, madrugadas, sem a graça dos dias pálidos que ganham cor rápida perto do fim.

Torce para que as passageiras não se incomodem com a falta de ar-condicionado. Deixa as janelas o mais abertas possível, aproveitando que passará por ruas onde a violência urbana está *sob controle*.

“Moço, tem como fechar a janela?”

O vento atrapalha o *look*.

“Tem como ligar o ar?”

O Chaveiro sabe que parece ser mais impaciente do que é quando está suando, por isso sorri primeiro e depois fala, como se os gestos só fossem possíveis de se organizar a partir de uma fila de expressões.

“Desculpe, o ar-condicionado quebrou, posso fechar um pouco mais a janela. Me desculpe.”

Há uma sutil hierarquia entre elas, a branca que se ajeita em frente ao celular é a estrela, a outra de cabelo bicolor é a assistente. Ela ajeita o queixo da amiga diante da câmera, ajusta sua roupa, elogia suas unhas, busca seu olhar o tempo todo enquanto a estrela se dedica à imagem digitalmente criada de si, diante da tela.

É a assistente quem solta um murmúrio de desaprovação. “Hm, tá bem”, como quem diz que percebeu que o Chaveiro quer apenas economizar o ar.

Em pouco tempo ela parece ter uma ideia. Uma ideia muito boa que faz a amiga-estrela finalmente a olhar, uma ideia desse tipo.

Faltam doze minutos.

A assistente, revigorada pelo olhar da amiga, tira um arco da bolsa, aperta um botão e cria um halo de luz branca de LED. O dia já está insuportavelmente claro, mas a luz branca ajuda a disfarçar imperfeições.

“Moço, qual o seu nome?”

O Chaveiro fala seu nome — embora também estivesse no aplicativo.

“Moço (*ignorando a informação recebida*), a gente pode gravar um vídeo pro nosso canal com você?”

O Chaveiro sente o suor na bunda, nas mãos e ao lado do nariz.

“Puxa, eu não sei se eu estou na melhor forma hoje. Tenho que prestar atenção na rua também... é canal de quê?”

“Linda e Bunny contra o mundo, já ouviu falar?”, elas perguntam já rindo, obviamente.

“A gente faz umas perguntas pra algumas pessoas por aí, nada de mais.”

“A gente tem agora dois milhões de *views* por mês, você vai bombar.”

O Chaveiro percebe que a garota, que tanto pode ser Linda ou Bunny, já está gravando.

“E que tipo de perguntas são essas aí?”

Será que soou muito impaciente? Se sua nota cair para 4,0 o intervalo entre as corridas vai ser de meia hora mais ou menos. É tempo demais.

“Aê, ele topou, Linda.” Mistério resolvido, a assistente é a Linda, a branca é a Bunny.

Linda estica o braço e se coloca em quadro como uma selfie. Depois dizem sincronizadamente “Linda e Bunny contra o mundooo”, encerrando o que parece ser uma vinheta com a língua de fora.

Faltam oito minutos.

Bunny é a estrela não à toa, fala com total desenvoltura e segurança, sem ler nada, a câmera a persegue e ela parece saber o que fazer com isso.

“Hoje nós estamos em São Paulo, indo direto pra ComboParty e a gente vai mostrar tudo pra vocês diretamente de lá, mas a gente está aqui no Uber e resolveu trazer um pouquinho mais

de um dos conteúdos que vocês mais pedem no canal, então pra vocês que estavam com saudades, vamos fazer aquelas perguntinhas mágicas pro motorista que está nos levando, certo, Linda?”

“*Let’s go*, Bunny.”

Na tela do GPS o Chaveiro vê uma linha vermelha numa das três ruas até o destino das garotas.

“Primeira pergunta: Quantos anos você tem?”

“Quarenta e três” (é mentira, o Chaveiro tem quarenta e oito).

“Você admira mulheres?”

“Sim.”

“Você ama mulheres?”

“Sim.”

A linha mudou para laranja, um bom sinal.

“Qual a artista mulher que você mais admira?”

“Elis Regina.”

“Curioso, é sempre Elis Regina, né gente?”

“É uma grande cantora.”

“Quantas mulheres você já leu?”

“Quantas mulheres eu já li?”

“Sim, quantas mulheres você já leu?”

“Algumas mulheres eu já li, algumas sim.”

“Mas quantas?”

“Quantas eu não vou saber te dizer.”

“Fala uma.”

A previsão de chegada fica oscilando entre cinco e três minutos o tempo todo. A linha fica vermelha e depois laranja e depois vermelha de novo.

“Só um minutinho que preciso ver se tem outra rota...”

“Uma só, vai, só *umazinha*.”

“Eu não leio muito, mas quando eu li, um pouco que li, eu li algumas mulheres sim, mas não vou conseguir lembrar.”

“Você tem filha?”

“Vamos pegar um pequeno trânsito nessa rua, tudo bem?”

“Você tem filha?”, a assistente faz movimentos de câmera que parecem rápidos e sofisticados.

“Uma.”

“E filhos?”

“Nenhum.”

“Qual o nome da sua filha?”

“Janaína.”

“Que dia é o aniversário da sua filha?”

“18 de fevereiro.”

“Qual a cantora favorita da sua filha?”

“Elis Regina.”

As duas riem, mas Linda ri mais alto.

“Elis Regina? Tem certeza? Quantos anos sua filha tem?”

“Onze.”

“E ela gosta de Elis Regina?”

“Sim, gosta muito. E de Amy *Uamirause*.”

“Amy Winehouse?”

“Isso aí.”

Bunny faz sinal de positivo pra Linda. “Pegou essa?”, Linda acena o polegar de volta.

“Qual a cor dos olhos da sua filha?”

“Castanho mais pro clarinho.”

“E agora a pergunta final, com quem está sua filha agora?”

“Com ninguém.”

“Sua filha de onze anos de idade está sozinha em casa?” Bunny dá ênfase nas palavras “onze anos” e “sozinha”.

“Na verdade, ela tá aqui comigo.”

O Chaveiro aponta um chaveiro lilás meio riscado pendurado no vidro do carro. Um adesivo colado com o rosto semirancado da Amy Winehouse e embaixo escrito “I Told You”, que o Chaveiro sabe o que significa porque Janaína havia explicado, em uma dessas tardes quentes de antigamente.

“Como assim?”

“Ela morreu. Fez oito meses ontem.”

“Caralho.”

Faltam dois minutos. Ou um minuto, sei lá. Apenas preste atenção no choque das garotas.

“Putaquepariu, sinto muito, moço.”

“Não, essas coisas acontecem.”

Linda cochicha um negócio.

“Moço, desculpa, a gente pode refazer?”

“Não entendi.”

“Desculpa, eu estava fazendo um movimento muito fritado, vai ficar estranho”, tenta explicar Linda. “Só da parte em que a Bunny te pergunta da sua filha e você diz que ela morreu. Pode ser?”

“É, pode sim. Pode, claro. Claro que pode.”

“Então um, dois, três e... vai.”

“Então, e onde tá sua filha agora?” Bunny diz, como se antecipando sensivelmente uma notícia que virá a seguir.

“Ela morreu.”

“Não, não. Que coisa horrível.” Linda agora domina performances delicadas do audiovisual, como o zoom lento e a câmera subjetiva.

“Que coisa horrível. Como que ela...” Bunny tem as mãos na boca.

“Pisoteada. Ela morreu pisoteada saindo de um baile funk. Aé, ela também gostava de funk, se quiser refazer aquela outra pergunta. Ela gostava de funk, Elis Regina e Amy *Uamirause*.”

A linha no visor ficou verde. Em algum lugar, talvez um caminhão de entulho tenha conseguido sair do terreno que estão terraplanando para um dos milhares de novos prédios que estão sendo construídos na cidade. Hoje em dia, além de não existirem mais apenas tardes quentes, os prédios ficam prontos muito, muito rápido.

Linda e Bunny parecem indecisas sobre algo. Linda parou de gravar. O Chaveiro se pergunta se parece impaciente, com todo aquele suor.

Você chegou ao seu destino.

Estão na entrada de um pavilhão com centenas de jovens, personagens fantasiosos, robôs, câmeras, luzes, cores, línguas de fora.

“Prontinho.”

“Obrigada, moço.”

“Escuta”, o Chaveiro se vira antes de elas saírem, “Janaína tinha um cabelo esvoaçante assim quando alisava. Eu não gostava que ela alisasse, mas ela gostava e me sinto mal por ter brigado com ela sobre isso.”

Bunny e Linda sorriem, como se os gestos só fossem possíveis de se organizar a partir de uma fila de expressões.

Elas abrem a porta. O Chaveiro chama antes de elas se afastarem.

“Se puderem me avaliar com cinco estrelas, viu. Nossa, ia ajudar muito. Desculpa pelo ar mais uma vez.”

Elas se afastam e, aos poucos, desaparecem nas cores.

O Chaveiro aguarda uma nova corrida que ainda não veio.